

*SALIM MIGUEL* POR IVANILDO SAMPAIO<sup>1</sup>

Conheci Salim Miguel no final dos anos sessenta do século passado. Ele havia deixado Santa Catarina por conta da repressão e da cegueira intelectual que havia tomado conta do país, eu estava saindo do Recife mais ou menos pelo mesmo motivo: era repórter da Sucursal da *Revista Manchete* em Pernambuco, produzi algumas matérias sobre a morte do Padre Henrique Pereira Neto, um auxiliar de dom Hélder Câmara que foi assassinado pela ditadura, meus textos desagradaram os poderosos do dia e o remédio foi pedir uma transferência para a matriz. Deve ser dito que, naquela época, navegavam naquela nau de desterrados outros fugitivos do chão natal, como os gaúchos Uirapuru Mendes e Caio Fernando de Abreu; os pernambucanos Ubirajara Cruz, Juracy Andrade e Lúcio Flávio Rêgueira (preso, torturado e exilado, após a troca por um diplomata sequestrado); os cearenses Juarez Barroso e Irineu Guimarães; o maranhense Lago Burnett; o paranaense Marco Aurélio Borba, mais alguns mineiros, baianos e capixabas, cada um com sua história, seu medo e suas esperanças.

Na Bloch, que editava *Manchete*, ficamos trabalhando, eu e Salim, numa mesma divisão - e aos poucos iniciando uma amizade que foi além dos nossos empregos, das revistas que desapareceram, da empresa que faliu, para sobreviver inteira e intocada, numa dimensão de irmãos. Um dia cansei do Rio e, já casado, resolvi fazer o caminho da volta, para ver nascer em Pernambuco meus dois filhos e as primeiras netas. Salim resistiu, mas um dia também cansou e foi exercer o seu ofício de escritor sob o céu e o sol de Santa Catarina que, com o romance *Nur na Escuridão*, fez dele um senhor do mundo. É bem verdade que não foi aquele o seu primeiro livro - antes ele já revelara em prosa farta o vasto mundo cujas fronteiras não acabam em Biguaçu; já mostrara a alma mais profunda dos habitantes da ilha mágica de Santa Catarina; já dera dimensão universal ao movimento literário que se iniciara com um grupo de jovens lá pelos anos sessenta, para glorificar a todos que não ficaram pelo caminho. Ao lado de Eglê, essa grande dama da cultura catarinense, Salim foi sempre o eterno operário em construção, o intelectual inquieto que trafega pelo conto, pelo romance, pelo ensaio, um navegador

ousado cujos textos levam seus leitores a descobrir um sexto continente. Fico feliz de ter conhecido Salim Miguel e Eglê Malheiros na minha temporada carioca, de ter frequentado o apartamento em que moravam na Rua Senador Eusébio, que se escondia entre os bairros do Flamengo e Botafogo, de ter, várias vezes, repartido com eles o sonho e a esperança. Que Deus te dê vida longa, Salim, homens de tua estirpe fazem a humanidade melhor e mais fraterna."

---

<sup>i</sup> *Ivanildo Sampaio, 67 anos, pernambucano, jornalista, bacharel em comunicação pela Universidade Católica de Pernambuco, começou sua carreira profissional na Editora Bloch, onde trabalhou cinco anos para as revistas Manchete, Tendência e Fatos & Fotos. Foi editor e produtor de programas da Radio MEC, coordenador de Comunicação do Projeto Minerva. Trabalhou nas agências de propaganda Companhias Reunidas de Comunicação e MPM Propaganda (Filial do Recife). Foi Editor de Economia e Editor da Primeira Página do Diário de Pernambuco; chefe de Redação e editor de telejornais da TV Globo Nordeste (seis anos); chefe da Assessoria de Comunicação da Federação das Indústrias de Pernambuco do do Sistema "S" (Sesi, Senai e IEL). Há 24 anos é Diretor de Redação do Jornal do Commercio de Pernambuco, líder de circulação no Estado há 19 anos. Publicou, em parceria com o jornalista Ernani Regis, "Quincas Borba no Folclore Político"; está presente em várias antologias de cronistas pernambucanos. Casado com a psicóloga Aldenita Macedo Sampaio, é pai da jornalista Marcella e do engenheiro da computação Pedro Henrique, avô de Júlia, Alice e Ana Clara.*